

A Origem do Alfabeto

Luiz Carlos Cagliari¹

No começo, eram os pictogramas. A escrita era feita com o desenho das coisas, representando as palavras usadas para designar essas coisas.

A palavra “olho” podia ser @, “casa” podia ser =.

Os nomes dos caracteres eram os nomes das próprias coisas. Essa escrita, chamada ideográfica, era fácil de ser entendida em muitas línguas. Com o passar do tempo, no entanto, viu-se que havia um grande problema: os símbolos eram muito numerosos, assim como a relação de coisas a serem representadas, que se tornavam cada vez mais complexas. Os pictogramas cederam lugar, então, aos silabários, sinais representando os sons das sílabas. Mudou o ponto de partida da escrita, que passou do significado para o som das palavras, de ideográfica a fonográfica. Com isso, houve uma redução enorme no número de caracteres necessários à composição de palavras.

E uma outra modificação importante ocorreu: os nomes dos caracteres foram perdendo a relação de conotação com as coisas representadas e adquirindo significado próprio. Porém, o melhor tipo de caractere para representar os sons ainda era o silábico, que trazia muitas redundâncias. Se existiam “letras” como **PA, BA, TA, AS, LA, RA** ou **PE, BE, TE, SE, LE, RE**, podia-se simplificar mais ainda e formar uma

nova classe de caracteres, como **A, E, P, B, T, S, L, R**, etc. Esta é, na teoria, a lógica do desenvolvimento do alfabeto. Mas na prática, as coisas não aconteceram de modo tão perfeito, nem a escrita apareceu ao mesmo tempo em todos os povos, o que torna essa história ainda mais fascinante.

Os sistemas silábicos do Oriente Médio vieram da escrita Suméria (iniciada por volta de 3200 a.C.), que se transformou em cuneiforme com o domínio da civilização acadiana (2000 a 600 a.C.). Os dois pólos mais importantes de irradiação dessa escrita foram as civilizações babilônica e assíria da Mesopotâmia. Os acadianos, assim como os egípcios, falavam uma língua semítica, ramo ao qual pertencem hoje o árabe e o hebraico.

Um breve exame dessas línguas mostra que, nelas as palavras tem uma formação muito especial, se comparadas às de outros ramos, como o anglo-germânico e o neolatino. Nestes, as palavras apresentam uma idéia central, marcada pela raiz, e idéias adicionais, marcadas por “sufixos” e “prefixos”. Assim a palavra “ilegalmente” tem a raiz “ileg”, que traz a idéia principal, referente a “lei”, o prefixo “i”, que implica uma negativa, e os sufixos “al”, que indica uma qualidade, e “mente”, que se refere a um estado ou modo.

Nas línguas semíticas, as

palavras trazem a idéia central na combinação de três consoantes. Assim, no árabe, a seqüência KTB é atribuída a idéia central de algo relativo a “escrita”. Outras idéias adicionais são acrescentadas através da inserção de vogais diferentes junto às consoantes, formando-se, desse modo, novas palavras. Por exemplo, **katab** significa “ele escreveu” **kaatib** significa “escritor”; **kitab** significa “livro”. As vogais eram facilmente recuperáveis na leitura, através do contexto.

A solução parecia satisfatória, uma vez que, nas línguas semíticas, o sistema fonológico apresenta apenas três fonemas vocálicos: I, U, A. Outras qualidades vocálicas eram facilmente detectáveis a partir de regras tão simples quanto a que, em português, identifica o som do Ê aberto em “belo”, “bela”, e o do Ê fechado em “Beleza”.

O sistema de representação consonantal dos semitas durou milênios: só a escrita egípcia durou três mil anos. É claro que os sistemas de escrita não usam apenas um procedimento de representação. A própria escrita egípcia, basicamente do tipo consonantal, utilizava também símbolos ideográficos, determinativos semânticos e fonéticos.

O ALFABETO SEMÍTICO

Os semitas das grandes civilizações estavam satisfeitos com seus sistemas de escrita. De um lado, no nordeste da África, predominava o sistema egípcio, e do outro, na Mesopotâmia, o sistema cuneiforme. Acontece, porém, que entre esses dois pólos de civilização viviam povos que não estavam comprometidos demais com essas culturas, mas que eram grandes comerciantes no Mediterrâneo. Eles logo perceberam

que os silabários cuneiformes eram muito práticos (com poucos caracteres escrevia-se qualquer palavra) mas que a escrita egípcia tinha uma forma gráfica mais atraente para ser escrita e lida, útil sobretudo nas necessidades do dia-a-dia.

Surgiu, então, uma escrita com caracteres egípcios para línguas do Oriente Médio. Como eram línguas que estavam sendo escritas pela primeira vez; nada mais conveniente do que unir as vantagens gráficas dos caracteres egípcios às vantagens funcionais da escrita cuneiforme que, há muito, já abandonara a maioria dos caracteres ideográficos em favor de um silabário com poucos caracteres.

Os documentos mais antigos que nos chegaram dessa nova escrita foram descobertos em 1904-1905 pelo arqueólogo britânico Flinders Petrie, em Serabq el Khadin, no Sinai. Essas inscrições, chamadas de proto-sinaíticas, datavam de cerca de 1500 a.C. e foram estudadas minuciosamente pelo grande egiptólogo, também britânico, Alan Gardiner, que demonstrou sua ligação com os hieróglifos egípcios. A escrita proto-sinaítica certamente influenciou o que veio depois, mas faltam-nos documentos para estabelecer as pontes nos tempos e lugares corretos.

No outro extremo do Oriente Médio os fenícios tinham na escrita um instrumento importante de sua atividade comercial ao redor do Mediterrâneo. Se, por um lado, quando viajavam valia a pena seguir cultura dos ricos egípcios, assírios e babilônicos, em casa a nova escrita era mais prática e, portanto, mais útil. Ao que tudo indica, a escrita fenícia já estava estabelecida no século XIII a.C., época dos documentos mais antigos. Os mais

importantes são as inscrições do sarcófago do rei Ahirâm de Biblos, que datam de cerca de 1300 a.C., e os da pedra Moabita, do rei Mesa, que datam de 842 a.C.

No século XI a.C., o sistema utilizado na escrita fenícia já tinha passado por várias modificações e se fixado numa forma definitiva, com 22 letras apenas. Ela está na origem de muitas outras escritas, como a árabe, a hebraica, a aramaica, a tamúdica, a púnica (de Cartago) e, sobretudo, a escrita grega, da qual se derivou a latina, origem do alfabeto que hoje usamos.

Os semitas do Oriente Médio puseram em prática aquela idéia de formar uma escrita com poucos caracteres e com formas gráficas de fácil desenho. Para isto, fizeram uma lista de palavras, de tal modo que cada uma delas começasse pelo som de uma consoante diferente, e sua sucessão representasse todas as consoantes. Além disso, o significado dessas palavras deva se associar diretamente a hieróglifos egípcios que pudessem ser usados para representar os sons iniciais. A primeira palavra da lista era **aleph** (boi) e para representá-la foi escolhido o hieróglifo que era o desenho de uma cabeça de boi.

A segunda palavra foi **beth** (casa), que ficou associada ao hieróglifo que representava uma casa. Obviamente, em egípcio, esses hieróglifos estavam associados as mesmas idéias mas não aos mesmos sons. Por exemplo “casa” em egípcio é **per** e não **beth**.

Feita a tabela com os caracteres, os significados e os nomes, estava criado o alfabeto. Agora, o hieróglifo egípcio que representava “casa” e que era associado às consoantes PR, passou a ser o caracter que representava apenas o som de “B” inicial da palavra **beth**, a qual

passou, por sua vez, a ser o nome da letra. Esse procedimento estendeu-se a todas as palavras da relação, surgindo deste modo o alfabeto.

O novo sistema de escrita assim constituído, além de escrever só consoantes, tomou-se uma forma de escrita puramente fonética. Agora, para escrever, era preciso decompor as sílabas em seus elementos consonantais e vocálicos, registrando com os novos caracteres apenas os elementos consonantais. Um princípio acrofônico era a chave para decifrar e escrever o alfabeto: bastava saber o nome das letras, reconhecer o som consonantal e usar o caracter correspondente para escrever as consoantes que iam sendo detectadas nas palavras a serem escritas.

A idéia parecia boa demais e de fato iria servir de modelo, muitos séculos depois, para que os lingüistas criassem os alfabetos fonéticos e pudessem registrar e ler os sons de todas as línguas do mundo, mesmo daqueles que nunca tinham sido escritas. Porém do ponto de vista do uso, como veremos adiante, esse novo sistema encontrou um obstáculo intransponível na variação dialetal da fala das pessoas. Teve então que sofrer uma modificação básica, justamente no aspecto que parecia mais promissor, a representação fonética dos sons da fala.

Formas derivadas da escrita fenícia foram encontradas em muitas regiões do Mediterrâneo. Documentos provenientes da Espanha (El Pendo), da França (Glozel), de Portugal (Alvão), da Itália e até da Iugoslávia têm inscrições (não decifradas) em caracteres cuja forma gráfica lembra de perto a escrita fenícia. Em outros lugares, como na Líbia, na Mesopotâmia, na Turquia e na Grécia, a escrita fenícia foi adaptada às línguas locais e passou a ter um

amplo uso social.

O ALFABETO GREGO

Segundo Heródoto, um fenício chamado Cadmos, que viveu de 1350 a 1209 a.C., instalou-se na Boécia, onde fundou Tebas e começou a escrever grego com 16 caracteres fenícios. Conta-se também que, durante a guerra de Tróia, surgiram quatro novas letras, introduzidas por Palamedes. O alfabeto grego teria sido completado pelo poeta Simônides de Ceos (556-468 a.C.) com mais quatro letras. É difícil distinguir a história da lenda.

O fato de colocar letras representando consoantes e vogais, umas ao lado das outras, compondo as sílabas, deu ao sistema de escrita o verdadeiro alfabeto. É por isso que muitos estudiosos dizem que o alfabeto propriamente dito foi inventado pelos gregos. Esta afirmação dá ênfase à função das letras na representação dos segmentos das sílabas e deixa de lado, de certo modo, a própria natureza das letras, tal qual existia na escrita semítica. São duas concepções diferentes do que é uma escrita alfabética.

No esforço para adaptar à sua língua o sistema de escrita já estabelecido para os fenícios, os gregos seguiram o mesmo princípio acrofônico da escrita fenícia. Começaram adaptando os nomes das letras lendo-os à moda grega. Assim, **ale** passou a se chamar **alfa**, **beth** passou a se chamar **beta**, e assim por diante. O conjunto das letras recebeu um nome composto pela soma das duas primeiras, ou seja, **alfabeto**. Algumas letras dos fenícios representavam sons inexistentes em grego. Passaram então, a representar sons que existiam em grego mas não nas línguas semíticas. As novas

letras inventadas baseavam-se no estilo gráfico das já existentes.

O alfabeto grego passou mesmo a ter letras para mais de um segmento fonético das sílabas, como ζ = [dz], ξ = [ts], χ = [ks], Ψ [ps]. É curioso notar que o grego arcaico começou distinguindo a aspiração de sua não-ocorrência através de dígrafos, escrevendo ΘT para [th] e somente depois a letra Θ passou a representar sozinha o som [th], ficando a letra T para representar [t]. A distinção entre κ e χ diferenciava [k] e [kh]. Sutilezas fonéticas também surgiram nas vogais, com letras diferentes para as breves ε τ ο e as longas η ω.

O documento mais antigo que temos é a inscrição no vaso **Dipylon** (entre os séculos IX e X a.C.). Outros exemplos são as inscrições de Yehimelek, Tera, Melos e Creta. Somente no século IV a.C. foram uniformizados os diferentes usos das letras num alfabeto de 24 letras, com uma ortografia estabelecida, formando a escrita do grego clássico.

As marcas de acento e alguns sinais de pontuação, acompanhando a escrita das palavras, foram introduzidas por Aristófanes de Bizâncio (250-180 a.C.) e pelo grande Aristarco. O documento mais antigo com essas marcas é o papiro **Bacchylides**, que data do século I a.C., mas os sinais diacríticos só se tornariam obrigatórios na escrita a partir do século IX de nossa era. O tipo atual dos caracteres gregos foi lançado em 1660 por Wetstein na Antuérpia.

Os antigos costumavam escrever as palavras sem separação, emendando umas nas outras. Para evitar ambigüidades, ou simplesmente destacar palavras, usavam um ponto separando-as. Os semitas escreviam em geral da direita

para a esquerda. Os gregos começaram a escrever na forma **bustrofedom** (em grego, “caminho do boi”), compondo uma linha da esquerda para a direita e a seguinte da direita para a esquerda, invertendo a direção dos caracteres, e assim sucessivamente a cada nova linha.

UM IMPASSE NA ESCRITA ALFABÉTICA

Alguns dos povos semitas, como os egípcios, os assírios e os babilônicos, tinham uma grande civilização e contaram com sistema de escrita próprios e bem estabelecidos. Outros povos menores, que viviam no Oriente Médio, passaram a escrever somente depois do surgimento da escrita alfabética. A adaptação do sistema existente a essas línguas ágrafas procurava manter as funções das letras, com variações locais na forma gráfica de alguns caracteres, mas sem grandes modificações, como as que ocorreram entre os gregos.

Em ambos os casos, entretanto, os usuários da escrita tiveram que enfrentar o sério problema dos dialetos. As diferenças dialetais da língua grega podiam ser reunidas em grandes grupos: o arcádio, da Arcádia e de Chipre; o eólio da Tessália, Beócia e do Norte; o jônico, da Ática; e o dórico, do Peloponeso (exceto Arcádia) e Creta. Por sua importância histórica e cultural, o dialeto ático, próprio de Atenas, prevaleceu e passou a ser conhecido como **koiné**, ou seja, “língua comum”. Posteriormente, a palavra **koiné** passou a representar apenas a linguagem do povo, por oposição à da elite.

Diante de tal diversidade lingüística, o alfabeto parecia fadado a desaparecer, pois já não podia ser

um sistema de escrita útil para uma sociedade com tanta variação dentro de uma mesma língua. Mas a escrita acabou sendo salva pela ortografia. Com a introdução da noção de ortografia na escrita alfabética, as palavras passaram a ser escrita apenas de uma forma e foi possível neutralizar as variantes dialetais.

Obviamente, a ortografia de uma língua depende, basicamente, do seu prestígio. A língua passa a ter uma ortografia mais regular e estável quando surge uma obra clássica modelar. Foi o que aconteceu com o grego antigo e, muitos anos depois, com as línguas derivadas do grego e do latim.

O ALFABETO ROMANO

Os etruscos instalaram-se no centro da Itália por volta do ano 1000 a.C. Uma das poucas coisas que se conhece deste povo é sua escrita, baseada no alfabeto grego. Por volta de 700 a.C., os etruscos começaram a escrever, adaptando à sua língua o alfabeto grego de 21 caracteres que, com o tempo, chegou a ter 26 letras. O documento mais antigo que deixaram é o **Cippus Perusianus**, do século V a.C.

Aos etruscos sucederam os romanos. Roma foi fundada em 753 a.C. e desde sempre manteve vínculos com os gregos. A República Romana começou em 509 a.C. e, em 451 a.C., foi escrita a Lei das Doze Tábuas. A mais antiga inscrição conhecida em latim foi feita em **bustrofedom** e gravada na “Pedra Preta” do Fórum Romano, por volta do ano 600 a.C.

Dos 26 caracteres etruscos, os romanos passaram a usar apenas 21 letras. Algumas sofreram modificações na forma gráfica e, sobretudo, no valor fonético. Depois que houve uma mudança fonética

significativa no latim, distinguindo fonemicamente os sons **k** e **g**, a letra **C**, que originariamente representava o **g**, passou a representar o **k**; a letra **K**, que representava o **k**, caiu em desuso e foi substituída pela letra **C**. Para representar, então, o som de **g**, os romanos passaram a anotar a letra **C** com uma pequena barra vertical na parte inferior, no final da curva, dando origem, assim, à letra **G**. A invenção do **G** foi atribuída a Spurius Carvilius Ruga (230 a.C.), Do **iphsilon** grego, os romanos ficaram apenas com a forma **V**, representando um segmento labial consonantal ou vocálico. Posteriormente, com a distinção fonêmica entre estas duas realizações, a letra **V** ficou para o segmento consonantal e a forma arredondada **U** para a vogal. A forma grega do **Y** limitou-se à escrita de palavras de origem grega. Alguns eruditos e até imperadores, como Cláudio, tentaram inventar letras para se tornarem famosos, mas nenhuma dessas tentativas deu certo.

Os romanos usavam um diacrítico chamado **apex** para marcar vogais ou consoantes longas (geminadas). Tal uso não era, porém, obrigatório. Esse diacrítico era um acento ou uma vírgula sobre a letra: **Ī** = **ii**, **S** = **ss**. A partir do século II torna-se mais comum o uso da **compndia**, ou seja, da ligadura para unir duas letras, como **A+E** – **Æ**, **O + E** – **Œ**.

As formas gráficas da escrita cursiva desenvolvida pelos romanos alteraram bastante as letras capitais de seus monumentos. Documentos com esse tipo de escrita, chamado **pugillares**, foram encontrados em Pompéia em 1875. Em 1973, muitas tabuinhas com a mesma forma de escrita foram descobertas no poço de um forte romano em Vindolândia, no norte da Inglaterra.

Com o objetivo de seguir o princípio acrofônico já mencionado, os romanos modificavam os nomes das letras. Se a chave para a decifração das letras está em seus nomes, uma vez perdido totalmente o caráter icônico das formas gráficas, já não se precisava mais de nomes com significados especiais para as letras, como no alfabeto dos semitas. Por outro lado, não havia necessidade de adaptar esses nomes à língua, como fizeram os gregos. O mais prático era designar as letras por monossílabos iniciados com o som mais representativo de cada uma delas.

Foi assim que as letras passaram a se chamar a, bê, cê, dê, etc. e o alfabeto passou a ter outro nome, em português: “abecê”. Na época de varrão (116-27 a.C.), havia duas maneiras de dizer os nomes de algumas letras: a antiga e uma nova, com um E inicial, seguindo-se o som da consoante, como em **EF**, **EL**, **EM**, **EN**, **ER** e **ES**.

O ALFABETO ROMANO DEPOIS DO LATIM

A forma misturada de dizer o nome das letras em latim passou, mais tarde, para as línguas neolatinas, como o português. Essa mudança alterou, em parte, o princípio acrofônico. Posteriormente, com a introdução de novas letras, o princípio acrofônico nem sempre foi respeitado. Assim a letras **H**, que os romanos chamavam de **adspiratio**, passou a se chamar **agá** em português. Desde sua origem mais remota, ela tem sido usada como uma espécie de “curinga”, representando sons diversos ou, mais freqüentemente, modificando o valor fonético da letra anterior e formando dígrafos.

A letra **W**, em Portugal chamada

de “duplo vê” e no Brasil de “dábliu”, já aparece em documentos insulares em 692 e veio, como o nome português indica, da escrita de dois V. Sua difusão deve-se ao extenso uso que teve em manuscritos da Alemanha nos séculos XI e XII. No século XVII, passou a representar uma consoante diferente, tornando-se assim uma letra a mais no alfabeto.

A letra **J** é também uma invenção da Idade Média. Surgiu quando os escribas perceberam que, escrevendo dois **ii** góticos juntos, pareciam estar escrevendo um **H**. Para distinguir os dois casos, o segundo **I** da seqüência passou a ser grafado com uma pequena curva virada para a esquerda, originando-se assim a letra **J**. O pingo do **J** começou a aparecer no século XIV, tornando essa letra mais fácil de ser reconhecida na escrita gótica. Foi Louis Meigret quem colocou no alfabeto francês o **J** como letra independente, em 1542. A escrita minúscula passou a ter a barra vertical do **t** aumentada, cortando a barra horizontal, em 1467.

O alfabeto inglês antigo tinha duas letras novas, o **thorn ð** e o **winn þ**. A letra **winn** veio do alfabeto rúnico, também derivado do romano, e apareceu pela primeira vez num documento do ano de 811. A letra **C** representava o som inicial da palavra **child**, escrita **cild**. A letra **S** passou a ter duas formas gráficas: *f* e **S**, e as duas formas amalgamadas aparecem na escrita alemã **fracture** como **ß**. A letra **Ç** surgiu na península Ibérica, quando as línguas neolatinas começavam a ser escritas, para representar o mesmo som grafado pelos antigos ingleses com as letras **thorn** e **wynn**. A forma gráfica mais antiga do **Ç** era um **C** com um pequeno **Z** subscrito.

Algumas línguas procuraram

modificar a forma gráfica básica de certas letras para obter novos caracteres e assim representar sons que não tinham letras próprias no alfabeto romano. O tcheco, por exemplo, incluiu letras como **C C**; o rumeno, **T**; o norueguês, **Æ Ø**; o sueco, **Ä Å**; o espanhol, **Ñ** etc. O uso dos acentos para diferenciar qualidades vocálicas diferentes em português vem da influência árabe e já aparece no português arcaico. Convém lembrar também que os alfabetos de algumas línguas deixaram de lado certas letras do alfabeto romano. O italiano não possui as letras **J, K, W, X** e **Y**. O iorubá não tem as letras **C, Q, V** e **Z**.

Finalmente, as letras do alfabeto romano foram assumindo estilos diferentes, com a produção de livros manuscritos e, sobretudo, depois do surgimento das tipografias (1456). A forma gráfica das letras foi se modificando criando-se, assim, novos alfabetos. A escrita monumental romana deu origem às letras de forma maiúsculas e a escrita carolíngia deu origem às letras de forma minúsculas, no século IX. No século XII, surgiram as letras góticas (ou pretas) e as escritas cursivas caligráficas.

Folheando-se, hoje, uma página de jornal ou de revista, constatamos uma infinidade de alfabetos. Mas o princípio alfabético permanece constante: a ortografia define o valor funcional das letras, mesmo quando o aspecto gráfico vai gerando novos alfabetos que, por serem usados para transcrever uma mesma língua e valerem como substitutos do alfabeto romano primitivo (letras de forma maiúsculas), são, para nós, simples variantes de um mesmo alfabeto. Na verdade, no mundo de escrita em que vivemos, lidamos com inúmeros alfabetos, além de contarmos, ainda, com caracteres não alfabéticos, como os pictogramas modernos, a escrita

ideográfica dos números, das abreviaturas, siglas, logotipos e inúmeras marcas e sinais que completam o nosso sistema de escrita. O alfabeto, hoje, é apenas

uma parte do sistema de escrita que usamos, mas as letras ainda são a parte mais importante deste sistema.

LETRAS, DO EGITO AOS NOSSOS DIAS.

Os caracteres egípcios deram origem à escrita semítica. Observe, no quando a seguir, que o nome da letra semítica coincide com o significado do hieróglifo egípcio. O alfabeto grego formou-se a partir do sistema fenício, uma ramificação da escrita semítica, que funcionou como modelo gráfico. Alguns caracteres fenícios, entretanto, passaram a representar vogais no alfabeto grego, perdendo seu valor consonantal de origem (as línguas semíticas grafavam apenas as consoantes das palavras). Pode-se dizer que os gregos, ao introduzirem vogais no sistema de escrita, desenvolveram o primeiro alfabeto moderno. O abecedário romano, empregado até hoje, derivou do alfabeto grego. Inicialmente existiam apenas as letras capitais (maiúsculas). As minúsculas correspondentes surgiram na Idade Média. Seu uso cursivo, com ligaduras entre as letras, modificou bastante sua forma gráfica.

¹ *Luiz Carlos Cagliari é Mestre em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP e doutor em Fonética pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Em 1982, obteve o título de Doutor Livre Docente em Fonética e Fonologia e, em 1990, o de Professor Titular de Fonética e Fonologia, ambos pela UNICAMP. Tendo desenvolvido pesquisas na School of Oriental and African Studies, Universidade de Londres, e no Museu Britânico, atualmente trabalha no Departamento de Lingüística da UNICAMP. Autor de vários artigos sobre aspectos da fonética no português brasileiro, tem dois livros publicados no Brasil sobre o tema da alfabetização.*